

## relembrando a comuna de paris: jornal *o libertário*

*O acontecimento da Comuna de Paris é presença viva nas páginas de publicações anarquistas através dos tempos. Em 2011, em comemoração aos 140 anos, a comuna marcava a presença em verve 19.*

*Trazemos aqui essa presença em um jornal anarquista, durante um momento crítico de nossa história recente. Na edição de fevereiro-março de 1963, o periódico O libertário exibiu uma série de textos em memórias às lutas na Comuna de Paris, um ano antes do golpe que instituiu a ditadura civil-militar no Brasil.*

### **A Proclamação da Comuna<sup>2</sup>**

A proclamação da Comuna foi esplêndida. Não era a festa do poder, mas a cerimônia do sacrifício. Sentia-se que os efeitos eram voltados ao martírio e à morte. A tarde de 28 de março, sob um sol magnífico que recordava a aurora do 18, o 7 Germinal, ano 79 da República, o povo de Paris, que em 26 havia eleito a própria Comuna, inaugurou a sua entrada no Palácio da Cidade.

Um vasto oceano, humano em armas, as baionetas em riste e espessas como um campo de espigas; o clangor dos

relembrando a comuna de paris: jornal o libertário

clarins e os tambores que ruflavam em surdina, o bater dos dois caixas inimitáveis de Montmartre, aqueles mesmos que, na noite em que entraram os prussianos, acordaram Paris: as baquetas espectrais e os seus punhos de aço evocavam sons estranhos.

Mas desta vez os sinos estavam mudos; o pesado troar dos canhões, em intervalos compassados e regulares, saudavam a Revolução.

E as baionetas se abaixavam ante a bandeira vermelha dos comuneiros, que em grupo circundavam a estátua da República.

Ao alto um grande pendão vermelho. Os batalhões de Montmartre, Belleville e La Chapelle trazem as suas bandeiras nos barretes frígios. Dir-se-iam recrutas de 93.

As baionetas cada vez mais compactas ocupavam também as ruas laterais; a praça estava repleta, semelhança a um campo de grão. Qual seria a messe?

Toda Paris em pé. Os canhões, a intervalos, fazem ouvir os seus estampidos. Numa tribuna está o Comitê Central. Em frente, os membros da Comuna, todos com faixa vermelha. Poucas palavras entre um tiro e outro da artilharia.

O comitê declara findo o seu mandato e entrega o poder à Comuna. Faz-se um apelo aos eleitos. Um clamor enorme se eleva: Viva a Comuna! Os tambores batem o sinal de combate, os canhões rompem os raios do sol.

— Em nome do povo — disse Ranvier — foi proclamada a Comuna!

Tudo foi grandioso neste prólogo da Comuna: a morte devia lhe consagrar a apoteose. Nada de discursos: mas um só grito, imenso e retumbante: Viva a Comuna!

Todas as bandas de música tocam a “Marselhesa” e o “Canto da partida”. Um furacão de vozes repete-lhe o estribilho. Muitos velhos abaixam a cabeça. Dir-se-ia que ouviam a voz dos mártires da liberdade.

São homens de junho e de dezembro, alguns já todos brancos, outros de 1830, Mabie, Malezieux, Cayol.

O único poder que poderia ter feito qualquer coisa era a Comuna, composta de homens de inteligência, de coragem, de honestidade a toda a prova, de devoção e de energia.

Mas o poder se manifestou, não lhes deixando senão a sua indomável vontade para o sacrifício: souberam morrer heroicamente. Todo poder traz em si o gérmen da destruição. Por isto mesmo é que eu sou anarquista.

*Louise Michel*

### **As Mulheres na Comuna de Paris<sup>3</sup>**

Foi muito importante o papel das mulheres na Comuna de Paris. Luiza Michel, que tomou parte ativa e se bateu com o entusiasmo próprio da sua personalidade anarquista sempre em luta pela liberdade, refere-se, no trabalho que acima publicamos, à atuação da mulher, dizendo que, inclusive sua própria mãe, *todas estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte.*

Natália Le Mel, cuja atuação na Comuna a levou ser deportada para Nova Caledônia —onde também esteve

relembrando a comuna de paris: jornal o libertário

Luiza Michel, que ali se dedicava, com o desprendimento de uma criatura abnegada, a levar aos indígenas uma palavra de conforto e a sua assistência na cura de moléstias que a ignorância daquela gente descuidava, além de cuidar dos feridos e tratar dos doentes do presídio —, foi uma das mulheres mais destacados do movimento comunalista.

Outras, muitas outras, sofreram as consequências do seu amor à liberdade, pagando com a vida ou com a condenação a trabalhos forçados a cooperação que deram à Comuna

Marie Ferré, condenada a trabalhos forçados por toda a vida; Linna Houssu, condenada à morte; Ristoff, condenada à morte; Marchais, condenada à morte; Suetans, condenada à morte; Marguerite Diblanc, condenada à morte; Laure, condenada a trabalhos forçados; Hortense Daud, idem; Vautrai, idem; Leroy, idem; Marie Cayen, também condenada a trabalhos forçados por toda a vida

### **A Atuação Humanista de Élisée Reclus<sup>4</sup>**

Élisée Reclus — figura internacional de sábio que todos respeitam — tomou parte na defesa da Comuna de Paris de uma forma que bem atesta o seu ponto de vista humanista. Quando ao ser preso, numa trincheira ao lado dos combatentes da Comuna, verificaram que o seu fuzil estava descarregado. Ao lhe perguntarem por que não usava a munição, respondeu que não sentia propensão para matar nem mesmo os próprios inimigos.

## Notas

<sup>1</sup> Nu-Sol, “comuna de paris, entre nós” in *verve*. São Paulo, nu-sol/PUC-SP, n. 19, 2011, pp. 13-18. (N.E.)

<sup>2</sup> *O libertário*, São Paulo, ano 3, no. 16-17, fev.-mar. 1963, p. 2.

<sup>3</sup> Idem

<sup>4</sup> Ibidem.

